

Apesar de poucos estudos existirem a respeito das chácaras no século XIX, esse tipo de residência tornou-se bastante comum entre as classes dominantes brasileiras. Tendo como modelo as “granjas” portuguesas, esse novo estilo de moradia, resultante de um período próspero ocasionada pela riqueza do café, passou a representar sinônimo de luxo e status. Em Jacareí, não foi diferente.

Assim, em 2006, a Chácara Xavier, uma das poucas propriedades na cidade que ainda conservava características desse período, foi tomada como objeto de pesquisa como o primeiro sítio arqueológico histórico estudado do município.

AS TRANSFORMAÇÕES NO VALE DO PARAÍBA CAFEIEIRO. AS FAZENDAS DE CAFÉ E A CIDADE. AS CHÁCARAS.

No século XIX, o Vale do Paraíba encontrava-se em grande processo de mudanças econômicas, políticas e sociais, graças ao café, como também à chegada de escravos africanos para trabalhos nas plantações. No final do século, o produto passou por sua maior crise na região. Famílias abandonaram ou venderam suas propriedades e cafezais transformando-as em pastagens.

As fazendas de café funcionavam como unidades de produção autônoma: eram formadas por sede, capela, senzalas, casa do administrador, engenho para beneficiamento do café, tulhas, paiol, etc. Próximas ao Rio de Janeiro, as primeiras unidades rurais foram construídas para o plantio do café, encontrando a melhor forma de organização do espaço. Ao nos distanciarmos da Corte, encontramos as pequenas fazendas já existentes, cujos fazendeiros procuraram manter as primitivas soluções de circulação e técnica construtiva. Aí, o café se deparou com a “taipa de pilão”.³

Nesta fase, a arquitetura do Vale se desvinculou dos modelos portugueses manifestados através das técnicas construtivas, materiais de construção e estilos usuais na corte, buscando atender às novas mudanças sociais e econômicas. Tornou-se freqüente as residências com paredes externas grossas, pés direitos altos, paredes internas mais baixas, cobertura com telhas vãs, janelas e grade de respiração do porão, geralmente habitáveis ou usados como áreas de serviço.

Não havia abastecimento interno de água; roupas e louças eram lavadas fora, dejetos despejados no ribeirão próximo. Água para beber vinha da mina; para banho era aquecida em caldeirão e despejada em gamelas. Os alimentos eram produzidos na área externa, tornando comum o uso de fogão da cozinha “suja”⁴ no quintal e a cozinha “limpa” ao lado da sala de jantar. A circulação, que tradicionalmente girava em torno da sala, adotou o esquema dividindo a moradia em três zonas: estar e receber, repousar e de serviço.

Além dos solares, foram construídos prédios, igrejas, edifícios públicos. Ruas foram abertas e calçadas. O comércio floresceu. Surgem preocupações com embelezamento das cidades, abastecimento de água e alimentos, problemas sanitários, saúde, higiene, iluminação elétrica, condução humana e de mercadorias, enfim, em melhorar a qualidade de vida da população.

Uma infinidade de novos produtos ingleses passou a fazer parte desse cotidiano, introduzindo uma nova maneira de morar e viver. Os aparelhos de iluminação artificial, por exemplo, mudaram os hábitos caseiros, abrindo “... as salas de jantar, as varandas às visitas – os jantares sociais tornaram-se moda a partir daí. Não só nas cidades, mas também nas fazendas” (LEMONS, 1989, p.45). Aparecem novos produtos como tapetes, cortinas, móveis de palhinha, espelhos com molduras douradas, escarradeiras, bibelôs, pianos, papel de parede, porcelanas, talheres de prata, cristais, relógios, etc.

A *arquitetura urbana* era baseada em lotes medindo cerca de 10 metros de frente e grande profundidade com residências alinhadas às ruas, fixado nas Cartas Régias ou em posturas municipais, sendo os principais tipos de habitação os sobrados assoalhados, com o térreo sendo usado para comércio ou alojar escravos, e as casas térreas de pau-a-pique, de chão batido e coberturas duas águas.

Localizadas na periferia dos centros urbanos, as *chácaras* também foram comuns nesse período, unindo às vantagens de sua localização às facilidades de abastecimento e serviços das casas rurais, como espaço para plantar e criar animais e presença de cursos d’água para manter seus equipamentos. Até “os funcionários mais importantes e os comerciantes abastados (...) cuidavam de adquirir, sempre que possível, chácaras ou sítios, um pouco afastados, para onde transferiam suas residências permanentes” (REIS FILHO, 2002, p. 30), e passaram a utilizar a casa da cidade em ocasiões especiais.

Apesar do afastamento espacial em que ficavam os moradores das chácaras em relação às cidades, isso era visto como conforto e não um desligamento dos centros, mesmo porque as atividades que praticavam na chácara estavam ligadas ao comércio dos centros urbanos.

¹ Chácara Xavier: um estudo de caso em Arqueologia Histórica. 2006. 205p. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

² Arqueóloga da Fundação Cultural de Jacarehy

³ A taipa de pilão é uma técnica construtiva de origem árabe que consiste em comprimir a terra em formas de madeira onde o material socado forma camadas geralmente de 15 cm, reduzindo-se pela metade após o piloamento. Quando atinge mais ou menos dois terços da altura do taipal, são introduzidos transversalmente paus roliços, produzindo orifícios cilíndricos (cabodás), permitindo o ancoramento do taipal em nova posição. Foi característica nesta parte do Estado de São Paulo durante o século XIX.

⁴ A maioria das casas possuía um “puxado” onde se instalava a cozinha do dia-a-dia.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO CHÁCARA XAVIER

Antiga propriedade de João da Costa Gomes Leitão⁵, a Chácara Xavier configura-se como um dos poucos exemplares remanescentes do período cafeeiro na cidade.

Implantada em terreno plano com pequena declividade ao norte, em direção ao Rio Paraíba do Sul e com uma área de 10.000m², a propriedade apresentava uma vegetação de gramíneas e uma variedade de arbustos e árvores, tanto frutíferas, como ornamentais.

No local, foram encontradas várias estruturas construtivas, distribuídas em duas áreas: a primeira, na parte mais alta e plana do terreno, encontrava-se a sede, capela, casas de visitas e empregados, quadras de esportes, coreto, quiosque e piscina. Junto a esse conjunto, havia o pomar. A segunda área encontra-se em local de grande depressão ao norte e era ocupada por uma quadra e chiqueiro, utilizado como local de despejo de lixo durante o século XX.

A sede, com 387m², é constituída em um pavimento e porão, distribuição entre áreas íntimas de estar e de receber, unindo antigas formas de habitar com os novos padrões construtivos, com alternativas de divisões e circulação interna.

Com paredes largas em taipa de pilão, apresenta internamente paredes divisórias de “pau a pique”, taipa de mão ou em taipa de sopapo⁶, com cobertura de quatro águas e telhas francesas (originalmente do tipo capa e canal), caracterizando-se como uma casa rural. Alguns detalhes arquitetônicos originais, como janelas com vergas retas, escadarias e soleiras em pedra e cimalhas externas, ainda foram observados.

TRABALHOS DE CAMPO

A **primeira etapa** das escavações foi realizada em toda a extensão da propriedade, procurando delimitar as áreas com maior concentração de vestígios através de intervenções no solo. As prospecções próximas a sede apresentaram maior densidade de material, como fragmentos de utensílios domésticos e construtivos relacionados a uma ocupação entre os séculos XIX e XX. Já as prospecções ao norte indicaram uma camada de solo com vestígios arqueológicos do século XIX somente a 70 cm de profundidade.

Na **segunda etapa** de campo definimos, a partir dos locais com maior densidade de vestígios em profundidade, a abertura de sondagens de 1x1m; quadriculamento de áreas, escavação e evidenciação de estruturas construtivas e pisos através da decapagem.

Essa pesquisa acabou nos revelando uma série de informações importantes para a compreensão das atividades ocorridas durante o século XIX, até meados do século XX, no espaço que envolve atualmente a propriedade, permitindo, portanto, um melhor entendimento sobre sua organização e funcionamento.

As escavações na área adjacente à residência indicaram que durante o período cafeeiro o nível original do terreno encontrava-se a 20 cm abaixo do atual, evidenciando também alguns locais de deposição de lixo doméstico. Da mesma forma, as prospecções na porção norte da propriedade nos revelaram outro local de depósito, com presença de vestígios arqueológicos como fragmentos de utensílios cerâmicos, de louça, vidro, restos alimentares e material construtivo, relacionados ao século XIX, e à evidenciação de perfis estratigráficos, indicando uma deposição constante de “restos de lixo” ocasionando em um “aterro”. É possível verificar que no século XX houve um nivelamento do terreno para utilização como área de lazer.

Geralmente, o depósito de restos alimentares ocorre em áreas distantes das residências, por questões de higiene doméstica. Porém, na Chácara Xavier um grande volume desse material foi constatado próximo à área residencial. Da mesma forma, o Rio Paraíba passa a poucos metros da residência, o que significa que a maior parte dos detritos domésticos poderia ter sido lançada diretamente na água, explicando a baixa ocorrência desses vestígios no restante da propriedade.

Através de prospecção realizada próxima a sede, identificamos outro local de depósito de detritos. Considerando a disposição dos objetos encontrados, concluímos que se trata de uma área onde alguns utensílios cerâmicos utilizados no processamento de alimentos foram descartados em seu local original de uso. Esses fragmentos foram encontrados associados a carvão em meio a mancha de sedimento escura na camada de aterro com vestígios arqueológicos dos séculos XIX e XX, aproximadamente a 20 cm de profundidade, acima de um solo exposto compactado, indicando que, anteriormente, o local era utilizado como área de processamento de alimentos.

⁵ Figura dominante e poderosa, com propriedades pelo Vale do Paraíba, ficou conhecido por adquirir um grande número de escravos africanos. No jornal *Redenção*, publicação do período escravocrata, lia-se: “todos sabem que o maior traficante de escravos que teve a província de São Paulo foi o celeberrimo João da Costa Gomes Leitão, que deixa uma fortuna grande que dá hoje para tudo, até para se torcer a justiça” (LENCIONE, 1980, p. 171). Após anos na vida pública da região, Leitão faleceu em 26 de abril de 1879, deixando como herdeiros quatro filhas e vários netos. Entre as fazendas, casas, escravos e uma infinidade de objetos que encontramos em seu inventário, dois imóveis são bastante significativos em Jacareí: o solar Gomes Leitão, edificado em 1857 na região central da cidade e a Chácara Xavier, conforme lemos aos 20 de junho de 1879, na página 71 de seu inventário: “Declarou o inventariante ter ficado pertencente ao monte dos inventariados huma Chácara alem do Rio Parahyba cercada de taipas com caza de morada com porão, dois quintães a (...), hum pasto úmido (...) chácara e todas as cazas que se achão dentro da mesma chácara.”

⁶ Técnica construtiva caracterizada por uma trama de paus verticais e horizontais equidistantes e alternadamente dispostos, onde a terra era fixada verticalmente na estrutura do edifício e seus vãos preenchidos com barro simultaneamente jogado pelos dois lados.

Além da confirmação da presença de uma área de cozinha no local acima descrito, outras transformações ocorridas nas estruturas funcionais da chácara também puderam ser identificadas como, por exemplo, duas áreas de terreiros de café.

A primeira, e mais antiga, foi evidenciada através de prospecções ao norte da propriedade e é caracterizada por uma camada mais compactada do solo. A presença de entulho na superfície indicou que antigas construções ocuparam o local por algum tempo. O segundo terreiro está localizada junto à sede e é caracterizada por um piso de lajota.

Também na porção norte da propriedade as prospecções revelaram uma alteração do nível natural do terreno, com diversas camadas de aterro, atingindo 1,1m de profundidade, tornando possível a construção de instalações para o funcionamento da fazenda, como por exemplo, o chiqueiro e o galinheiro. Neste local, a presença de material arqueológico do século XIX, seguido de vestígios do século XX, vem confirmar a ocorrência de uma ocupação constante da chácara, sem espaços vazios.

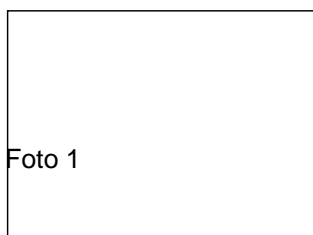


Foto 1

Evidenciação de bolsão de lixo



Foto 2

Área de "cozinha suja"

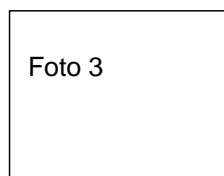


Foto 3



Foto 4

Vestígios arqueológicos – utensílios de uso doméstico em louça e vidro

Com a soma dessas informações, concluímos que a propriedade estudada passou por três períodos de intervenções fundamentais.

A **primeira** aconteceu no momento da implantação da chácara, aproximadamente em 1850. É a partir desse período e já propriedade de João Gomes da Costa Leitão, que direcionamos nosso foco de pesquisa. Construída antes da casa urbana, residência oficial da família, seus proprietários continuaram utilizando a chácara para descanso, para criação e produção de gêneros alimentícios. Este dado pode ser confirmado através do inventário de Gomes Leitão ao citar a chácara:

Declarou ter ficado pertencente ao monte do inventariado hum aparelho de louças para jantar, hum dito para chá, incompleto, 28 cálices e copos, (...) e oito garrafas brancas para vinho que tudo foi visto e avaliado pela quantia de duzentos e quatorze mil reis... doze cadeiras fixas de palhinhas, dez delas de vimes, que foram vistas e avaliadas pela quantia de sessenta e seis mil reis....

Apesar de conhecida a riqueza da família, esse status era refletido em sua residência urbana. Podemos, a partir daí, considerar que possivelmente, o espaço da chácara era mais reservado, onde somente pessoas da família ou amigos mais íntimos tinham acesso.

Com a morte de Leitão em 1879, a propriedade passou para sua filha, Maria Ozória, marcando o **segundo** momento de mudanças. A sede ganhou cozinha interna, calçamento de pedras, pintura, acabamento e detalhes arquitetônicos, como a cimalha no beiral do telhado, capitéis, barrados, arco pleno, denotando preocupação com a estética e apuro plástico presentes em algumas construções da época.

Houve a implantação de um terreiro de café com piso de lajotas nos fundos da residência e construção de benfeitorias junto ao antigo terreiro de chão compactado observadas em fotos da década de 1940. Devido às mudanças já ocorridas, os únicos vestígios constatados dessas edificações foram restos construtivos encontrados durante as escavações na área em questão.

O **terceiro** aconteceu nas décadas entre 1940 e 1950, com a transferência da propriedade para a família Xavier. Aí foram registradas várias demolições, como o muro de taipa de pilão junto ao terreiro lateral da casa, a construção de novas estruturas como chiqueiro, viveiro, quadra de esportes, a piscina e a implantação do jardim e da alameda de acesso à sede. Foi construído banheiro interno, incorporadas varandas na parte lateral e frontal da residência, ocorreu uma nova distribuição dos cômodos, abertura e/ou isolamento de vãos de porta e janelas.

Junto a casa foi construída uma capela em alvenaria de tijolos que ainda mantêm alguns elementos decorativos como barrados e frisos, comumente utilizados nas construções urbanas das décadas de 40 e 50, procurando estabelecer uniformidade com o prédio principal.

O material arqueológico recuperado através dessa pesquisa é composto por fragmentos de utensílios de uso doméstico em cerâmica, faiança, vidro, fragmentos ósseos de origem animal, procedentes de restos de alimentação, objetos em metal, plástico, borracha, restos de material construtivo.

Como observamos através dos vestígios cerâmicos, ao mesmo tempo em que a modernidade européia invadia o país, a tradicional forma de produção cerâmica, continuava sendo utilizada por uma grande parcela da população, retratando uma sociedade que, de certa forma, ainda apresentava laços estreitos com a cultura regional.

Fragmentos de utensílios em faiança, porcelanas, recipientes de vidro, bastante comuns entre a sociedade mais abastada durante a fase cafeeira, nos revelou uma época de uma variedade infinita de novidades e luxo no país, resultado de uma série de fatores internos e externos.

Esses utensílios foram inicialmente importados, principalmente da Europa. No início do século XX é substituído por produtos que começavam a ser industrializados no Brasil. É preciso destacar a importância do surgimento dessas fábricas no país, pois tornaram os preços mais acessíveis, passando a tomar conta do mercado nacional. A partir daí, torna-se comum encontrarmos material referente a essas indústrias em sítios arqueológicos históricos.

Na Chácara Xavier isso pode ser refletido nas louças de produção nacional, algumas da própria região do Vale do Paraíba, como as louças da Fábrica de Louças Santo Eugênio, localizada em São José dos Campos, que iniciou sua produção nos anos de 1920 até década de 70.

Portanto, a pesquisa na Chácara Xavier nos proporcionou dados mais precisos sobre a ocupação e uso do espaço em questão, bem como forneceu informações mais substanciais sobre o comportamento sócio-cultural dos segmentos humanos que ocuparam aquelas instalações no passado.